



ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM HELENA SILVESTRE¹ – MILITANTE DO MOVIMENTO LUTA POPULAR

Interview with Helen Silvestre – Militant of the People's Struggle Movement

Maria Beatriz C. Abramides^{2,3}
Maria Lúcia Duriguetto⁴

¹ Helena Silvestre (nome de militância) tem 26 anos. Nasceu em Mauá, uma cidade bem pobre do ABC Paulista, região metropolitana de São Paulo. Começou a militar aos 13 anos na Juventude Operária Católica (JOC), onde aconteceram meus primeiros contatos com a esquerda. Depois, participou – junto com a JOC e um colegiado de organizações da cidade – da construção do Espaço Che Guevara de Lutas e Culturas Populares. No ano de 2003, iniciou sua militância no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que conheceu durante o processo de preparação da ocupação Santo Dias, ocorrida em 2003, em São Bernardo do Campo. No MTST, atuou no setor de formação política, articulação e comunicação. No final do ano de 2010, por ter acumulado diferenças importantes no que diz respeito à estrutura de organização e funcionamento interno, deixou o MTST e hoje se dedica a construir com um coletivo de outros companheiros e companheiras, ainda restritos ao estado de São Paulo – o movimento LUTA POPULAR.

² Maria Beatriz C. Abramides e Maria Lúcia Duriguetto são Coordenadoras do GT – Serviço Social e Movimentos Sociais.

³ Professora do Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP, Presidente da Apropuc-SP. E-mail: <biabramides@gmail.com>.

⁴ Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). E-mail: <maluduriguetto@gmail.com>.

Helena, fale um pouco da organização que hoje você milita, destacando suas lutas e principais desafios.

Eu, hoje, ajudo a construir um movimento chamado Luta Popular. É tudo ainda muito incipiente porque o movimento está bem no começo.

Atuamos nas regiões periféricas de São Paulo fortalecendo, unindo e estimulando lutas por uma série de bandeiras que, em poucas palavras, expressam todas as carências que têm o povo mais pobre do nosso país. Na Luta Popular, não há uma única bandeira ou uma reivindicação principal; em cada comunidade partimos da realidade e de problemas específicos para nos organizar. Nisso tudo, o que mais nos interessa é construir formas coletivas de discussão, decisão e ação nos bairros. Estamos quase que construindo células (risos!), tentativas de repor a capacidade perdida de imaginar um mundo e um dia a dia diferentes e isso constituído de uma maneira que nos permita discutir o poder popular, que é a capacidade de os trabalhadores se organizarem de forma autônoma, em busca de uma vida mais digna e mais justa para todos e todas, valendo-se apenas da força que temos nas próprias pernas.

Só estes já são desafios absurdamente grandes porque vivemos um momento em que as lutas mais importantes da nossa história são uma memória preservada apenas na memória de alguns punhadinhos de gente.

Além disso, temos o imenso desafio de tentar avançar em uma prática militante diferente, que comporte as diferenças de ideias, as divergências frente aos debates, os distintos níveis de entrega que cada qual pode dar sem perder uma

plataforma que tenha na perspectiva revolucionária o seu horizonte e que seja capaz de – com tudo isso – garantir unidade de ação.

Quais as principais lutas hoje dos Movimentos Sociais no país?

É até difícil enumerar. Embora o momento seja difícil, creio que as lutas dos movimentos urbanos por habitação, transporte coletivo de qualidade e acessível a todos e todas, saúde e educação de qualidade, acesso à cultura, enfim, por um outro modelo de cidade e de sociabilidade urbana são muito importantes. Da mesma forma que são tão importantes quanto elas a luta no campo, seja dos trabalhadores rurais sem terra, seja dos assalariados rurais. E há ainda as lutas dos movimentos de mulheres, GLBTT, movimento negro e indígena. Enfim, como as ferramentas de unidade das organizações de base tem tido dificuldades severas de florescer no cenário político atual, as muitas lutas e bandeiras quase sempre representam muitos movimentos e organizações. Todas estas lutas são centrais no pensamento que deseja uma nova sociedade.

Agora, conjunturalmente, acho que os movimentos urbanos vivem um momento que lhes empurra às ruas por conta das grandes obras (PAC, Olimpíadas, Copa etc.) que, por sua vez, irão impactar de uma maneira tal que ainda nem temos a dimensão na estrutura de nossas cidades e, conseqüentemente, na vida das pessoas. Acho também que temos tido importantes lutas defendendo o direito de fazermos luta. A coisa está brava!

Qual a importância dos Movimentos Sociais classistas na luta por suas reivindicações imediatas e históricas para a construção do socialismo, incluídas aí a perspectiva internacionalista?

São de importância central. A classe toma consciência de si durante os processos de luta e auto-organização, portanto as lutas acontecem antes que a classe tenha consciência de classe. Como assim? Exatamente nos movimentos que os vários setores dos trabalhadores fazem buscando reivindicações que são, na maioria das vezes, bastante limitadas. Nenhum trabalhador sai às ruas (embora eu sonhe com isso) hoje, pra fazer revolução. Mas sai por moradia, por salário, por creche, enfim. Os movimentos e as reivindicações imediatas são um dos momentos da constituição da classe enquanto classe e da descoberta da identidade coletiva – que antecede a classista – que é aquela ideia mais elementar que se mostra aos trabalhadores quando eles percebem que vivem os mesmos problemas.

Mas há sempre a tensão – histórica – de partir destas lutas imediatas para ultrapassá-las; a tensão de conseguir conectar a falta de comida ou de casa com a forma que o mundo está organizado no capitalismo. E isso coloca o rompimento com um certo *umbiguismo* dos movimentos lado a lado com a necessidade do internacionalismo.

Mas as revoluções são feitas por homens e mulheres que, em geral, iniciam as rebeliões pedindo apenas o mínimo por não suportarem mais a exploração brutal. Este é o papel dos movimentos numa perspectiva classista e revolucionária: trabalhar para pôr em movimento uma classe que não está para que ela possa – no interior do processo –

reconhecendo-se como classe assaltar o céu e tudo ganhar para todos.

A criminalização aos movimentos sociais tem aumentado a cada dia, bem como os assassinatos de trabalhadores do campo e da cidade. Quais têm sido as principais ações dos movimentos sociais para denunciar e barrar esses ataques?

Bem, acho que há algumas iniciativas que são (embora ainda muito insuficientes) interessantes, em que pese os problemas e dificuldades de toda a tentativa.

Há articulações como O Tribunal Popular, A rede contra a violência – várias redes de defesa dos direitos humanos. Acontece que a recorrência dos assassinatos e a truculência cada vez maior, deixam claro que não estamos em condições de travar um embate com o estado neste e em outros temas.

Nossos meios de comunicação não são populares (do ponto de vista de chegar aos trabalhadores não organizados), nossa divisão nos enfraquece e a democracia nos acostumou a tomar bem poucos cuidados com nossa segurança. Somamos a isso uma conjuntura retrógrada em que – de tão conservadora que está nossa sociedade – somos obrigados a ver o debate sobre a descriminalização do aborto ser realizado nos termos da Ku Klux Klan pelos candidatos a presidência.

Então, acho que os movimentos têm tentado fazer, têm tentado experimentar formas de defesa e instrumentos de denúncia, mas tudo isso é muito pequeno frente à mão de ferro do estado burguês.

Percebemos que os movimentos sociais vêm desenvolvendo ações caracterizadas pela fragmentação e pelo espontaneísmo de suas lutas e demandas. Que caminhos você aponta para a superação dessas ações e para a criação de agendas de lutas unitárias e com direcionamento político classista?

Acho que – de tão grande que é este problema – acabei falando um pouco sobre isso antes.

Mas pensando a superação desta situação, creio que os movimentos devem ter em sua agenda o trabalho e a construção de base como um ponto fundamental para isso. Falo dessa forma porque as pessoas não são fragmentadas, o companheiro gay sofre com a falta de ônibus, não tem moradia, é superexplorado no trabalho e nunca vai conseguir entrar em uma universidade pública. Muitas das respostas virão com nosso retorno às bases, problemas novos surgirão, porém, como ainda acredito que a cabeça pensa conforme o chão que os pés pisam, são eles que permitirão não só aos trabalhadores, mas também às organizações perceber que o que nos unifica é maior que o que nos divide.

Acho que as agendas de luta devem ser fruto da integração real das organizações em sua construção diária, em seu trabalho mais simples. Se as agendas de luta vierem artificialmente para fazer uma *média* com o discurso da unidade, estaremos sempre a brigar nas reuniões preparatórias dos atos para ver quem fala ou não no carro de som.

Como você avalia a relação entre os movimentos sociais hoje?

[A relação] não está às mil maravilhas, mas existem germens importantes. O debate de unidade entre

movimento sindical e popular tem adquirido alguma força. Isso é muito importante porque, como já disse antes, esta é uma divisão artificial, os trabalhadores são os trabalhadores, ora.

Outro importante debate é o de como a ideia de um campesinato está desconexa do que vem representando o agronegócio, o que significa televisores em 99% dos lares e o que é assalariamento rural. Ou seja, o campo tem ficado cada vez mais parecido com a cidade de maneira que precisamos e podemos nos unir cada vez mais.

O problema é que estes debates vêm quando estamos já muito fraquinhos, quando já batemos muita cabeça pensando o contrário. Aí, todos os melindres, disputas e vícios acompanham as discussões e tentativas que fazemos nessas relações de aproximação entre movimentos.

Várias direções de movimentos sindicais e populares foram cooptadas, tornando-se governistas, estadistas, notadamente a partir do Governo Lula. Como você analisa a possibilidade de retomada da autonomia e independência classista, tão caras ao movimento social combativo?

Vejo que isso ainda demora um pouco na medida em que este governo conseguiu construir um consenso social de que tudo está melhorando.

É claro que as lideranças se deixaram cooptar e abandonaram – em muitos casos – tudo aquilo em que acreditaram por décadas, mas só se mantêm ainda como lideranças porque o povo engoliu essa ideia de avanço, de *todos somos ou podemos ser classe média*.

Se a esquerda retomar o contato com o trabalho de base, buscar novamente desenvolver formas de fazer com que nosso projeto de mundo dialogue com o povo, daremos um grande passo que será potencializado quando as crises chegarem (e elas chegam) e o povo, gritando pão enquanto suas lideranças comem brioques. Neste momento, firmam-se com mais clareza os princípios de autonomia e de luta.

Não falo de uma crise final do capitalismo; falo de uma crise como as muitas que ocorrem e ocorrerão pela própria natureza do sistema e que deixará um pouco mais pesado o chicote que pesa nas costas dos pobres.

Que avaliação você faz da proliferação das igrejas em seus impactos nos processos de mobilização e organização popular?

Primeiramente, vejo a proliferação das igrejas como um complemento (reação sistêmica) da profunda individualização, perda de valores e referenciais morais e éticos. Isso está bem relacionado com a precarização da vida material, com a indústria cultural, com o apelo de consumo e com o ideal de progresso a que nossa sociedade está submetida.

Mas – e agora vem a polêmica – não acho que podemos nos dar ao luxo de ignorar a fé e a religiosidade ao pensarmos na organização popular. É uma coisa que está lá; em toda favela que não tenha nada, tem um boteco e uma igreja e nós não temos como competir com isso. Também não dá para discursar nos carros de som por aí que *deus está morto*.

Este é um tema que precisamos refletir de forma crítica e não sectária. Pensar porque as pessoas buscam a religião, o

que elas encontram lá que não encontram na luta, por exemplo. É claro que isso não implica a gente virar pastor ou padre, mas, por exemplo, para que a gente perceba que na militância tem de haver espaço para afetividade, para acolhimento, o direito ao erro, enfim.

Este é um papo que merece um dia todo.

Como você vê a relação e a aliança entre os Movimentos Sociais e Serviço Social?

Vejo como estratégicas porque o serviço social não lida só com as pessoas em situação de rua (como aparece no estereótipo da profissão), o serviço social, hoje, lida com milhares de trabalhadores que precisam se organizar.

O projeto ético-político da profissão esbarra, no entanto, nos limites do estado burguês com uma política neoliberal.

Neste sentido, só unido os usuários do sistema de garantia de direitos (que são a base dos movimentos populares) aos assistentes sociais é que se pode avançar em políticas que sejam construídas com base nas necessidades apontadas em luta pelos trabalhadores.

Qual tem sido sua experiência concreta na relação entre movimento social e assistentes sociais? Que aprendizados podemos tirar dessa relação para a luta dos trabalhadores?

Tenho tido milhares de experiências: algumas lindas; outras horrorosas. Mas vou citar uma, em particular, porque ela é atual. Fizemos uma discussão da luta popular com um companheiro que é assistente social e que está começando

a militar conosco. Nosso desafio foi pensar em como, enquanto assistente social, ele poderia construir a luta.

Chegamos a várias possibilidades: Discutir e informar às comunidades que organizamos sobre o sistema de garantia de direitos ao mesmo tempo em que criticamos duramente o estado e suas políticas. Falar dos programas sociais e, ao mesmo tempo, dizer que neles não cabem todos por conta de nossa sociedade ser como é. Chamá-los à luta com a legitimidade de quem conhece o sistema por dentro e sabe que ele não vai resolver o problema.

Também, a partir do lugar em que ele trabalha, vamos construir uma rede clandestina de contatos com outras assistentes de luta para atuarmos em suas regiões.

Quando uma assistente souber de um despejo, ela nos avisa e nós chegamos antes da polícia para organizar a resistência. Coisas assim.